

GARATUJAS, EVOLUÇÃO GRÁFICA E LETRAMENTO

*Roberta Bassani Federizzi**

*Rosimar Cunha***

Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa de cunho qualitativo que objetiva compreender a importância da garatuja no processo de aprendizagem na educação infantil, bem como analisar se garatujar auxilia na aquisição e no desenvolvimento da escrita. Numa pesquisa de campo, feita em turmas de maternal e jardim em duas EMEIs¹ da cidade de Marau-RS, observou-se atividades embasadas nas garatujas e registrou-se em diário de campo. Utilizou-se de entrevista estruturada respondida por professoras que atuam tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental, procurando evidenciar a importância da garatuja nestas duas etapas de escolarização, sendo que garatujar promove um importante suporte a sua futura escrita e letramento. A pesquisa bibliográfica foi embasada em autores afins à área educacional. Este estudo busca contribuir para o meio educacional e à prática pedagógica dos educadores, evidenciando que desenhos estereotipados privam a imaginação e bloqueiam a expressão criadora, assim as garatujas devem ser cada vez mais estimuladas, bem como o incentivo à sua prática.

Palavras-chave: Educação Infantil. Escrita. Garatuja.

Abstract

This article presents a qualitative research that aims to understand the importance of scribbling in the process of learning in early childhood education, as well as examining whether scribble assists in the acquisition and development of writing. In a field study, accomplished in classes from nursery and kindergarten in two EMEIs of the city Marau-RS, it was observed activities based on scribbles and it was related in the field diary. It was used a structured interview answered by teachers who work both in kindergarten and in elementary school to show the importance of the set two stages of scribbling schooling, because scribble promote an important support to their future writing and literacy. The literature search was based on authors related to the educational field. This study seeks to contribute to the education and teaching

* Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo. Especialista em Arte-Educação. Especialista em Arteterapia, Educação e Saúde. É graduada em Educação Artística, habilitação em Artes Plásticas- UPF.

** Graduada em Pedagogia pela Faculdade da Associação Brasileira de Educação- FABE.

1 EMFs- Escola Municipal de Educação Infantil.

practices of educators, showing that stereotyped drawings deprive the imagination and creative expression block, so the children must be increasingly stimulated, as well as encouraging the practice.

Keywords: Early Childhood Education. Writing. Scrabble.

1 Garatuja: primeira manifestação gráfica

O início da infância é “um período de enorme importância [...] quando este período termina, todas as crianças terão formado concepções sobre si próprias como seres sociais, como pensadores e como usuários da linguagem, e já terão chegado a algumas importantes decisões sobre suas próprias competências e sobre o seu valor” (DONALDSON, 1983).

O assunto aqui apresentado refere-se à evolução gráfica da criança nos seus primeiros anos de vida. Enfatiza o pensamento de que toda criança é um ser em constante desenvolvimento e transformação, que recebe influências do meio, especialmente das pessoas que a rodeiam. A maneira como é incentivada promove o surgimento das primeiras manifestações gráficas – as garatuja.

Partindo desse pressuposto, levando em conta que a base do conhecimento e do aprendizado da criança inicia-se no seu contexto familiar, depois na escola e na sociedade, esta pesquisa qualitativa procura responder a pergunta: Garatujar auxilia no processo de aprendizagem, na motricidade e na escrita?

A pesquisa bibliográfica aponta o pensamento de autores como Ferreiro (2013), Greig (2008), Lowenfeld (1977), Rodrigues (1976), entre outros. Estes comentam que há uma relação entre o modo como a criança expressa plasticamente as garatuja e como se relaciona com o meio em que vive. Normalmente, estes primeiros rabiscos são realizados sobre folhas, jornais e livros de propriedade do adulto. Aparentando deixar a sua marca, a criança está formalizando uma comunicação entre ambos e expressa a satisfação pelo feito, pois constata que também tem capacidade para criar.

A evolução do traçado segue um processo gradativo, o qual pode auxiliar no alcance do aprendizado, no desenvolvimento intelectual e motor. Aqueles primeiros rabiscos – as garatuja – são fundamentais, pois ao iniciar sua escrita propriamente dita, poderá apresentar maior facilidade e destreza ao manejar os materiais e efetivar seu traçado.

Promover a liberdade de expressão gráfica desde os primeiros contatos com materiais artísticos e pictóricos é possibilitar a exposição da criação, do pensamento e dos sentimentos. Valorizar os traçados da criança é acreditar na sua construção, mesmo sendo dependente ela sente que pode criar com liberdade. O incentivo aos procedimentos genuínos deve ser real e verdadeiro, nunca exagerado e muito menos depreciativo.

Oportunizar o contato com desenhos prontos e para colorir promoverá uma inibição frente às possibilidades, pois ela pode sentir que seu desenho não está à altura daquele pronto, criado por profissionais. Comparações não devem ser originadas, nem evidenciar os cânones da beleza, respeitar o ciclo de produção e de maturidade de cada uma. Estes cuidados possibilitarão que a garatuja seja um excelente veículo para a escrita e o letramento.

Letramento não corresponde à alfabetização, mas sim a capacidade para assimilar as informações provenientes do ler e do escrever, transformando-os em conhecimento e cultura, promovendo sua continuidade e aperfeiçoamento individual e social.

2 Apresentando os procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual foi observada a importância do ato de garatujar por crianças, fenômeno comprovado pela experiência de professoras que atuam na educação infantil e ensino fundamental, participantes deste estudo.

Foram realizados cinco encontros em duas escolas de educação infantil do município de Marau-RS, objetivando a observação de como as crianças se expressam através das garatujas. As escolas A e B atendem crianças de dois a seis anos e são compostas por turmas de Maternal, Jardim e Pré.

No primeiro encontro, aconteceu uma conversa com três professoras, docentes na educação infantil e também no ensino fundamental. Por pertencerem ao quadro das escolas municipais, muitas crianças são atendidas pelas mesmas educadoras nas duas etapas de sua escolarização.

No segundo encontro a turma do Maternal foi observada. Composta por doze crianças: sete meninas e cinco meninos, na faixa etária de dois a três anos. O tema desta aula foi baseado na história do Chapeuzinho Vermelho. Desenhar sobre a historinha foi a proposta, sendo oferecida folha de ofício em branco e giz de cera. As crianças mostraram-se motivadas e começaram a desenhar. Percebeu-se que elas gostavam do que estavam fazendo e que conheciam algumas cores, mas ainda não sabiam escrever as letras do seu nome. O lobo, o protagonista da história foi lembrado. Comentou uma delas: “Profe, este é o lobo da história, acho que ele não é mau!”

No terceiro encontro, observando essa mesma turma, a atividade não recebeu um tema direcionado, as crianças poderiam desenhar o que quisessem. Foram entregues folhas de ofício em branco e lápis de cor. Elas utilizaram as cores disponibilizadas e todo o espaço da folha. Concentraram-se nos desenhos que estavam fazendo e algumas utilizaram os dois lados da folha. Não dominavam o lápis e não fizeram comentários enquanto desenhavam. Surgiram garatujas ordenadas, tentativas de escrever o nome, cadeiras, borboletas, linhas de vai e vem, e algumas garatujas em forma de círculo. “O movimento circular e o movimento de vaivém constituem assim os dois rabiscos de base, e sua presença pode ser percebida em todos os trabalhos precoces das crianças” (GREIG, 2008, p. 19).

No quarto encontro, foi observado o trabalho das crianças de quatro anos, alunos do Jardim I, composta por quatro meninos e oito meninas. A professora contou uma história sobre amizade e a proposta foi desenhar sobre ela, utilizando folha sulfite branca e canetinhas.

Percebeu-se diferença no comportamento dessa turma em comparação à outra, pois as crianças conheciam as cores e certas letras, e algumas escreveram o seu nome. Apresentaram maior domínio ao segurar o lápis, demonstraram criatividade e interagiram durante a atividade, comentando e nominando seus desenhos. Alguns alunos ocuparam toda folha, surgiram círculos e outras formas, já sabiam dar nomes às suas garatujas: “Essa é minha amiga Ana”. “Essa é a menina pérola da história”. Os riscos de vai e vem diminuíram. Relacionavam o que ouviam com o que desenhavam, e mostravam interesse pela escrita.

A professora revelou, com base em sua experiência, que se a atividade apresentar tema, as crianças iniciam bem o trabalho, pois sabem como se direcionar. Seus traçados mostraram que compreenderam a história, desenharam o que realmente gostavam e desejavam. A indicação de um tema é um facilitador para a efetivação deste processo.

O quinto encontro aconteceu com crianças do Jardim II, de outra escola. A turma era composta por quatorze alunos. A sugestão foi para que desenhassem livremente e eles demonstraram muito interesse enquanto estavam ilustrando. Comentavam sobre o desenho e o que estavam produzindo. Utilizaram lápis de cor e folha de ofício em branco, ocupando todo espaço. Nomearam suas garatujuas, desenharam círculos, riscos de vai e vem e até quadrados.

Uma entrevista estruturada, contendo onze perguntas, foi entregue às professoras². Todas as respostas foram valiosas, porém alguns comentários foram suprimidos pela repetição dos dados. Um perfil das entrevistadas foi traçado, sendo que estão na faixa etária entre trinta e três e cinquenta e dois anos. Todas concluíram o ensino superior e uma está cursando pós-graduação em Psicopedagogia. A experiência profissional varia de um a quatorze anos na educação infantil e de dez a vinte e oito anos no ensino fundamental.

A questão sobre: Garatujar é importante? Trouxe respostas como:

Orquídea que trabalha há quatorze anos na educação infantil e há vinte e oito anos no ensino fundamental respondeu que “Sim, é através da prática, da valorização e incentivo daquilo que faz que a criança evolui seu traçado, localizando-se assim dentro das letras e palavras.” Violeta com a mesma atuação e tempo de exercício de Orquídea acrescenta “são os desenhos (garatujuas) que a criança faz que cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação reflexão e sensibilidade.”

Comprovando, Margarida citou Vygotsky “os desenhos (rabiscos) juntamente com o brincar devem ser considerados estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem e da escrita.” E esclarece: “As garatujuas são a maneira das crianças se comunicarem com as pessoas próximas, ou mostrar aos outros o que ainda não conseguem dizer com palavras (fala ou escrita), e esse aprendizado evolui conforme contato e estimulação do meio em que vive.”

A pergunta: Enquanto docente de educação infantil você percebe evolução no traçado da garatuja? Como? Trouxe as seguintes respostas:

Orquídea mencionou: “Quando a criança desenha uma pessoa no início do ano, não consegue colocar braços e pernas no corpo, ambos saem direto da cabeça, ou também quando desenha uma árvore e não sabe separar o tronco das folhas, mas, no final do ano a mesma já sabe posicionar e nomear o que fez”.

Os trabalhos de expressão gráfica das crianças, não são apenas impressões que a criança deixa sobre um material, mas, sobretudo evidenciam o seu estágio de elaboração mental, o qual resulta das interações entre a criança e os objetos. Esta elaboração se constitui nas trocas da criança com o meio e a partir das relações que ela estabelece entre as suas vivências anteriores e atuais (PILLAR, 1993, p. 13).

A visão da família em relação à produção das garatujuas trouxe o comentário das professoras que disseram que a grande maioria das famílias, mesmo tendo pouca

2 As professoras foram identificadas por nomes de flores: Violeta, Margarida, Jasmim, Orquídea, Hortência e Rosa.

instrução, admira os desenhos dos filhos e, por suas palavras, demonstraram que aqueles ditos “rabiscos” são bonitos e feitos de acordo com a faixa etária.

Embora a criança se exprima vocalmente muito cedo, seu primeiro registro permanente assume a forma de garatuja, esse primeiro rabisco é um importante passo no seu desenvolvimento, pois é o início da expressão que a conduzirá não só ao desenho e a pintura, mas também a palavra escrita. O modo como recebem esses primeiros rabiscos, e a atenção que lhes prestem, podem ser a causa de a criança pequena desenvolver atitudes que permanecerão nela, quando iniciar sua escolaridade formal (LOWENFELD, 1977, p. 117).

Perguntas enfocaram sobre como a garatuja pode influenciar na qualidade e na construção da escrita. As professoras percebem essa evolução enquanto coadjuvantes da educação infantil e do ensino fundamental?

As educadoras Margarida e Orquídea ressaltaram que a garatuja faz parte do processo para aquisição da escrita: “Os rabiscos que as crianças fazem são o treino preparatório para o alcance e melhoria da mesma, é a partir da garatuja que a criança desenvolve sua autoestima, e quanto mais ela é incentivada e valorizada em suas manifestações espontâneas, torna-se mais segura para mostrar o que vê e sente.”

Emília Ferreiro (apud FERRARI, 2010) fundamenta a afirmação de Margarida e Orquídea: “O caminho da alfabetização passa por diversas etapas em que a criança constrói o seu conhecimento, independente da classe social a que pertençam. As etapas são iguais, podendo variar apenas de acordo com a idade da criança.” Rosa respondendo às mesmas perguntas diz: “O desenho é a primeira manifestação da escrita, e ele faz parte da evolução da escrita. Acredito que quanto melhor forem às formas da garatuja melhor será o desenvolvimento da escrita.” E Hortência acrescenta “que muito se pode atribuir ao traçado da letra à maturidade dos desenhos feitos pelas crianças.”

Segundo Scoz (1994, p. 26), a criança concretiza o seu desenvolvimento através de etapas. Necessita da orientação de um adulto, que lhe mostre a direção, disponibilizando meios que propiciem novas descobertas para que as fases de sua vida sejam intensas de aprendizado. As falas das professoras confirmam isso, toda criança é dotada de inteligência, se desenvolve a partir da interação com as pessoas com quem convivem e pelo meio onde estão inseridas.

3 Garatuja propulsoras ao desenvolvimento gráfico

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) deixa claro que a criança é um sujeito com capacidade de criar e atuar na sociedade, sofre as alterações do seu meio e interage com o grupo que convive, apoderando-se dos conhecimentos que lhes são dispostos através das trocas que realizam. Estas se tornam essenciais no processo de aprendizagem, pois é através dessas relações que a criança consegue associar e assimilar novas capacidades cognitivas e afetivas importantes na formação da sua personalidade.

Pesquisas revelam que a criança a partir do seu nascimento apresenta um amplo repertório de reflexos úteis à sua sobrevivência, destacados a seguir:

A partir da oitava semana de vida, a criança desenvolve relações de confiança com as pessoas que estão por perto. Lowenfeld (1977, p. 36), referencia a arte como um dinamizador da criatividade, e confirma: “[...] é nesse período inicial que ela começa

estabelecer padrões e a se relacionar com o meio que a cerca, são as primeiras atitudes perante o mundo”.

Dos dois aos dezoito meses, ela alcança os objetos, depois começa a engatinhar e dá início à linguagem falada. Fisicamente preparada, parte às primeiras explorações e experiências no mundo que a cerca. Desenvolveu conceitos primitivos e tem ligações afetivas com quem lhe é significativo. Nesta fase, a afetividade é a base e segurança para que possa continuar a exploração do seu meio. Lowenfeld (1977, p. 09) afirma: “[...] a felicidade da criança depende principalmente do ambiente em que ela cresce, em particular, da compreensão que seus pais manifestam diante das suas necessidades”.

Nos nove primeiros meses, a linguagem limita-se ao balbúcio, ainda não caminha, e os gestos não produzem grafia alguma. As primeiras palavras acompanham os primeiros passos e os rabiscos mais primitivos começam a deixar sua marca. As primeiras frases encerram o segundo ano junto com os dois desenhos de base que são o movimento circular e o de vaivém. Aos dezoito meses, acontece a transição do “bebê para a criança”, é o período das descobertas, toma conhecimento de si mesma, percebe que pode escutar, ver, cheirar e manipular tudo que está ao seu alcance.

Estes rabiscos são realizados sem sentido. Aparenta ser uma atitude mecânica, porém é uma maneira de imitar as ações do adulto. O lápis é usado de forma desordenada e é o coadjuvante na elaboração dos primeiros traços, que para os adultos são incompreensíveis e para os pequenos, uma forma de representação de uma identidade pessoal.

Ela sente prazer em traçar linhas em todos os sentidos, sem levantar o lápis, o qual é como se fosse o prolongamento de sua mão. Os traços estão em relação direta com o “eu” (ego) das crianças: quando felizes, as linhas sairão fortes e ocuparão um grande espaço na folha; quando instáveis, deixarão cair o lápis; quando não estão se desenvolvendo bem, não o sabem segurar (FERREIRO, 2013, p. 01).

Rhoda Kellog, pesquisadora americana que desde 1970 estuda o grafismo de crianças, tendo observado mais de 300 mil desenhos, ao ser mencionada por Silva (2010, p. 02) diz que “crianças de até dois anos de idade produzem até 20 tipos de rabiscos, produzidos de maneira bastante primitiva em variadas combinações. Um tempo adiante essas linhas convergem para seis diagramas básicos: círculo ou oval, quadrado ou retângulo, triângulo cruz ou X e formas irregulares.”

Estes desenhos são chamados de garatujuas, garranchos, rabiscos ou até mesmo de borrões. Parecem não ter sentido algum para quem as vê, mas para a criança, é a forma de representar e de expressar tudo que vê e sente. São marcantes no seu desenvolvimento, é o início do aprimoramento da expressão, o caminho progressivo que a conduzirá não só ao desenho, mas também à pintura, à palavra e à escrita.

Com muita sutileza, as garatujuas revelam o olhar da criança. Observadores os pequenos experimentam enquanto desenham e acabam estabelecendo relações que ficam na memória. Descobrem os resultados dos movimentos que fazem com o braço, buscam as possibilidades das formas para depois dominá-las e encontram os limites do papel, assim criam de forma autônoma. É com a exploração desses rabiscos que a criança vai construir sua produção autoral (SILVA, 2010, p. 02).

Estes riscos são desprovidos de controle motor, a criança ignora os limites do papel e avança seus traçados pelas paredes e pelo chão. As primeiras garatujuas são

linhas longitudinais que, com o tempo, vão se tornando circulares e, por fim, se fecham em formas independentes, que ficam soltas na página.

Greig, Kellog, Lowenfeld, entre outros pesquisadores do grafismo infantil, consideram a garatuja em desordenada, ordenada e também nominada, descritas a seguir. A garatuja **desordenada** mostra traços ainda sem sentido, incontrolados e desordenados. Variam no comprimento e na direção, traçados muitas vezes sem olhar para o papel. O lápis é manipulado de várias maneiras, às vezes por ambas as mãos. Há a dificuldade em permanecer no limite da folha. A cor não tem relevância. Apoio e reconhecimento dos pais e professores são fundamentais nesta fase.

Já a garatuja **ordenada**, apresenta a descoberta da ligação entre seus movimentos e os traços que faz no papel, geralmente amplos e vigorosos de forma horizontal, vertical, inclinada e circular. Ela cuida como segura o lápis. A cor não tem importância, mas poderá usar cores diferentes. Por dominar os movimentos no papel sente confiança e prazer.

Por ter a fala mais desenvolvida passa a nominar seus desenhos, assim a garatuja passa a ser **nominada ou identificada** (grifos nossos), isso se dá pela ligação entre seus traços e o mundo que a rodeia. A figura humana pode aparecer de forma imaginária aparecem sóis radiais e mandalas³. A verbalização dos seus traçados é uma comunicação da criança com ela própria, o mesmo rabisco poderá ter descrições diferentes.

Dos três aos quatro anos, a criança conquistou a forma dos seus desenhos, tem intenção de produzir algo. Ela respeita os limites do papel de forma mais cuidadosa, mas o grande salto é ser capaz de desenhar um ser humano reconhecível com pernas, braços, pescoço e tronco. Aos três anos a criança diz “eu” e domina toda linguagem corrente, também consegue traçar o círculo.

Dos quatro aos cinco anos, se percebe a fase dos temas clássicos do desenho infantil, como paisagens, casinhas, flores, super-heróis, veículos e animais, existe variedade no uso das cores. A figura humana apresenta detalhes como cabelos, pés e mãos, e as distribuições dos desenhos no papel obedecem a certa lógica, como sol e nuvens, no alto da folha, gramado e flores na base. Segundo Pillar (1993, p. 20):

A criança na construção do seu desenho trabalha com totalidades e tonalidades indiferenciadas quanto ao tamanho, cor e proporção, mais tarde é que começa a se deter em detalhes cada vez mais complexos, de acordo com os desafios que o meio lhe proporciona. Recombinando os componentes desse todo, a criança experimenta uma variedade de formas.

Cada etapa é marcada por características próprias, reveladas pelo avanço da idade. Federizzi (2010, p. 10) confirma: “A criança passa por estágios de desenvolvimento infantil, e estes são percebidos através dos seus grafismos. A cada nova fase, certa metamorfose vai ocorrendo e, em cada uma delas, aparecem suas produções resultantes especialmente pelo desenvolvimento dos seus movimentos e da motricidade”. Como este estudo está fundamentado no uso das garatujuas, as demais fases não serão aqui mencionadas.

A linha de evolução do desenho é similar, o importante é respeitar os ritmos de cada criança e permitir que ela possa desenhar livremente. Ela exprime seu sentimento perante as situações que enfrenta e as desenha, assim pode ser ouvida e

3 Mandala: palavra sânscrita que significa círculo, uma representação geométrica da dinâmica relação entre o homem e o cosmo. A mandala é a exposição plástica e visual do retorno à unidade pela delimitação de um espaço sagrado circular e atualização de um tempo divino.

percebida. O incentivo promovido corretamente, promoverá resultados positivos na sua futura grafia. Garatujar é fundamental no processo gráfico. O desenho infantil é um universo cheio de mundos a serem explorados.

3.1 A garatuja, o letramento, o incentivo

A partir do nascimento, as crianças já são construtoras de conhecimento. Levantam problemas difíceis e abstratos e tratam por si próprias de descobrir respostas para elas. Estão construindo objetos complexos de conhecimento. E o sistema de escrita é um deles (Emilia Ferreiro).

A criança passa por diversos processos até chegar à alfabetização, um deles é a garatuja. É um novo universo, onde passa a fazer parte da sua construção, revelando-se como sujeito pensante e promotor da sua própria trajetória. É preciso respeitar os níveis de desenvolvimento de cada criança, propiciando-lhes experiências em relação aos temas propostos.

Ferrari (2010, p. 2), pesquisando Emília Ferreiro, relata que “O primeiro nível da criança para o alcance da escrita, baseia-se na procura de critérios que lhe permita diferenciar os dois modos básicos de representação gráfica: o desenho e a escrita.” E complementa: “Após as crianças realizarem suas explorações através dos rabiscos, elas passam a relacionar o seu desenho com a escrita e chegam a conclusão que organizando as linhas que fazem no papel podem direcioná-las tanto para o desenho quanto para a escrita”.

As atividades dos alunos das escolas visitadas e as falas das professoras entrevistadas revelaram uma coerência daquilo que se diz e que é posto em prática. As formas como as crianças se expressaram através dos seus desenhos, mostraram que a garatuja é importante no processo de desenvolvimento, tanto gráfico como da criatividade e motricidade. As respostas das docentes evidenciaram que garatujar amplia o potencial criador e, os rabiscos são os primeiros passos a caminho da escrita. “Se a criança, em seu trabalho criador, procura relacionar entre si todas as suas experiências, tais como pensar, sentir, perceber, ver e tocar, tudo isso deve também exercer um efeito de integração sobre a sua personalidade” (LOWENFELD, 1977, p. 11).

Rodrigues (1976, p. 01), aponta que “[...] a aprendizagem é um fator de desenvolvimento que sofre alterações das influências externas, e que a sua progressividade baseia-se na diversidade histórica de cada indivíduo e de suas particularidades”.

Importante é a construção de um universo estimulador, onde histórias, personagens, leituras, brinquedos, entre outros, poderão promover o interesse na expressão plástica e pictórica, não objetivando resultados estéticos e sim a expressão natural. Ação que embasará os procedimentos futuros, ou seja, leitura e escrita, assim desenhos estereotipados não podem fazer parte deste processo. A criança deve criar por desejo próprio ou por estímulos provenientes de projetos e de pessoas qualificadas.

No melhor dos casos, os exercícios são introduzidos para as crianças pequenas da educação infantil, com um espírito lúdico: elas têm de juntar os cabelos de Joãozinho e os dentes do pente, ou alongar com círculos a pequena lagarta; os raios do sol, o balão na ponta do fio ou os botões na roupa do palhaço, tudo pode servir de pretexto para essas experiências inofensivas. Mas, às vezes, a imposição substitui o jogo e torna-se mais insistente para deixar sua marca: a preocupação de inculcar começa com a simples exigência de “passar por cima” de determinado traço, por completar o pontilhado ou colorir o traço, depois impõe o molde imperioso de modelo a reproduzir

com suas referências e a estereotipia da repetição. Quando essas técnicas são aplicadas no âmbito da educação especializada, pode-se assistir à evolução negativa de crianças (GREIG, 2008, p. 139).

O professor deve ter o compromisso e o respeito na construção de espaços onde a criança possa se expressar com liberdade. Todos os seres humanos têm seu processo evolutivo, precipitá-lo é um erro. A criança precisa crescer, passar por todos os estágios, amadurecer e tornar-se um adulto satisfeito e feliz. “A criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e idéias de toda a espécie, sem considerações de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha dela” (KINNEY; WHARTON, 2009, p. 22).

As crianças observadas se envolveram com os materiais artísticos de forma espontânea e revelaram que foram realizadas com muita satisfação. A construção desempenhada de forma prazerosa reverterá em resultados muito satisfatórios nas etapas seguintes da sua escolarização.

4 Considerações finais

Pelos resultados obtidos, apoiados na pesquisa bibliográfica e de campo, percebeu-se que a escrita da criança começa muito antes desta ter a noção real do que é um lápis ou uma palavra. Os inúmeros rabiscos feitos por ela representam o passo inicial para a escrita, expressividade das vivências que guarda em seu íntimo e o aprimoramento do seu desenvolvimento motor.

Rodrigues (1976, p. 248) expressa que:

O desenho constitui a primeira forma universal de expressão gráfica, porque dele se pode perceber com razoável fidelidade a vida afetiva e intelectual da criança, porque ele é tão expressivamente comunicante e evolui paralelamente ao desenvolvimento da inteligência, da sensibilidade e do processo de socialização.

Inicialmente, são apenas rabiscos, depois se tornam linhas arredondadas, após se fecham e resultam em formas e círculos. Seguindo esta evolução, essas mesmas formas gráficas vão estruturando-se até chegar às letras e palavras, dando início, assim, à escrita propriamente dita.

Com essa sequência de aprendizagem vai construindo a imagem de si mesma e assimilando os significados, interligando suas ações com as reações que consegue a partir delas, assim vai adquirindo confiança em si mesma e nas pessoas que a rodeiam. A garatuja é o caminho encontrado para relatar isso, deixando no papel sua marca, iniciando sua aprendizagem.

Quando a criança se instala com sua folha de papel ela encontra um espaço que se torna um prolongamento de seu “eu”, no interior do qual ela pode tudo. Essa superfície branca, tela ou espelho, permite que, sozinha consigo mesma, viva um momento fora do tempo e do espaço reais, rico de sensações e de necessidades pessoais [...] a expressão proporciona um grande alívio, uma enorme satisfação (GREIG, 2008, p. 141).

Cada ser é diferente do outro e apresenta suas especificidades, assim o respeito à fase e à maturidade cognitiva de cada um é importante. O incentivo à criança para explorar o mundo que a cerca fará a diferença na sua produção futura, assim todos

devem seguir uma linha de pensamento e de ação que conduza aos mesmos propósitos. Lembrando que desenhos estereotipados privam a imaginação, a capacidade e o espírito crítico, bloqueando a expressão criadora, confrontando o belo desenho que vê em relação ao seu que, muitas vezes, denomina de feio. O planejamento, a diversidade e a qualificação de quem ensina fará a diferença. A escola deve valorizar a cultura, as experiências e as vivências que o aluno traz do seu contexto familiar e social.

Respondendo o problema norteador desta pesquisa: Garatujar auxilia no processo de aprendizagem, na motricidade e na evolução e melhoria da escrita? Afirma-se que alunos de ambos os sexos e de qualquer classe social, acompanhados de professores que promovem atividades com garatujas, estão com certeza, possibilitando o desenvolvimento da escrita com maior facilidade.

Observando os desenhos das crianças, percebeu-se ainda que o uso do espaço nas folhas, as cores e a intencionalidade dos mesmos foram explorados de acordo com a idade e a evolução gráfica de cada participante, bem como a sua interpretação. Seguindo esses parâmetros gradativos, quanto mais a criança garatujar, maior será o aprimoramento da sua motricidade.

O pensamento dos autores escolhidos e a experiência das entrevistadas vieram confirmar o questionamento inicial: o ato de garatujar não é apenas um rabisco, mas sim uma experiência gradativa que a criança realiza no decorrer do seu processo de aprendizagem e que efetivamente auxiliará na alfabetização e no letramento. Os desenhos observados e elaborados pelas crianças mostraram a evolução gráfica das mesmas em faixas etárias distintas. O direcionamento ou não do tema, não promoveu dificuldade de expressão e de interesse.

Afirma-se que a criança que garatuja tem a oportunidade de expor sua criatividade, pois sua expressão é livre perante as pessoas que a cerca. Mostra que um pedaço de papel e um lápis podem lhe possibilitar a descoberta de diferentes maneiras de desvendar os mistérios imaginados por ela, atitudes que a levam ao autoconhecimento. A continuidade deste processo auxiliará na noção de espaço, composição, cor, maior motricidade e aos poucos na aquisição da linguagem e da escrita, promovendo que ela adquira a confiança em sua própria capacidade de pensar.

Referências

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.

FEDERIZZI, Roberta Bassani. A criança, seu desenho e os estereótipos. In: *Revista de Educação FABE*. v. 1, n. 2, jan./dez. 2010. Marau, RS, 2010.

FERRARI, Márcio. *Emília Ferreiro, a estudiosa que revolucionou a educação*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/conhecer-nova-turma-431205.shtml>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

FERREIRO, Emilia. *Guia Prático da Educação Infantil*. Disponível em: <http://pedagogia.tripod.com/emilia_ferreiro.htm>. Acesso em: 13 fev. 2013.

GREIG, Philippe. *A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita*. 1. reimpr. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.

KINNEY, Linda; WHARTON, Pat. *Tornando visível a aprendizagem das crianças: educação infantil em Reggio Emilia*. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

PILLAR, Analice Dutra. *Fazendo artes na alfabetização*. 5 ed. Porto Alegre: Kuarup, 1993.

RODRIGUES, Marlene. *Psicologia educacional*. Uma crônica ao desenvolvimento humano. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil Ltda, 1976.

SCOZ, Beatriz. *Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SILVA, Michele. *A importância da garatuja*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/desenvolvimento-e-aprendizagem/rabiscos-ideias-desenho-infantil-garatuja-evolucao-cognicao-expressao-realidade-518754.shtml>>. Acesso em: 15 fev. 2010.